



Considerações do Arcebispo de Cantuária para os anglicanos reunidos na IX Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, em Porto Alegre, 17 de fevereiro de 2006.

É um grande prazer poder me reunir com vocês aqui e eu espero realmente que haja oportunidade para falar com muitos de vocês durante este dia. Eu peço desculpas pela visita breve que estou fazendo, de, aproximadamente, 24 horas. Mas, certamente, esta é uma grande oportunidade de reuni-los e de me comunicar com vocês, mesmo que rapidamente.

Eu não pretendo dar nenhum tipo de palestra sobre a Comunhão Anglicana, onde estamos e o que ela é, no momento, porque isso levaria um bom tempo. Mas vou começar falando sobre duas ou três coisas que estão acontecendo na Comunhão, que me parecem ser construtivas, positivas e ilustram aquilo pelo qual ela está se esforçando em trabalhar. Isso me leva à minha próxima consideração. “Por que devo me importar com a Comunhão? Por que nós devemos oferecer nossa energia para seguir adiante?”. Terceiro, e essa questão é tão complexa, que poderíamos ficar falando sobre ela dois ou três dias: “Por que este momento é difícil”? Vocês têm suas próprias respostas e eu tenho certeza de que as partilham entre si. Mas deixem-me compartilhar um pouco das minhas.

Primeiro, no momento, uma ou duas coisas estão acontecendo. É evidente na vida de nossa Comunhão que ao mesmo tempo em que muitas histórias são publicadas sobre nossas dificuldades e nossas tensões, a realidade, na base, é freqüentemente criativa. Há dois anos, os Primazes estabeleceram um grupo de trabalho para olhar para a Educação Teológica. A questão colocada foi: “O que é necessário para que toda a Comunhão Anglicana se torne uma comunidade de Igrejas empolgadas sobre Teologia?,” não como uma disciplina acadêmica, embora fosse bom ter um pouco disso, mas essencialmente para termos pessoas que estejam interessadas em dialogar com a luz e a escuridão juntas, em pensarem criativamente sobre a fé que elas partilham à Luz da Revelação de Deus, nos desafios de nosso mundo.

Algumas semanas atrás, eu estava em um encontro entre teólogos e líderes das igrejas Alemã e Inglesa, ocasião em que ficou bem claro que o Cristianismo é uma fé que deve garantir que qualquer um possa ser capaz de crescer no entendimento, bem como no amor. O Cristianismo é uma fé que pressupõe que qualquer pessoa é capaz de ter um entendimento adulto da fé. O Cristianismo é uma religião na qual nós temos que garantir que as pessoas cresçam, e cresçam dentro de uma fé profunda, sobre quem elas são e sobre Deus. E isso significa Teologia.

Assim, voltamos para o grupo de trabalho sobre Educação Teológica. Esse grupo que agora tem se reunido, representado por uma grande variedade de membros da Comunhão, está avaliando o que é necessário, hoje, para a formação e educação de leigos, que níveis e tradições diferentes de ministérios são essenciais, incluindo os bispos. Qual é a maneira de ser dos anglicanos? Qual é o estilo particular de se fazer teologia e de se pensar sobre Deus, em que os anglicanos têm sido eficazes e, mais, podemos ter ainda mais disso? Agora, esse grupo continua seu debate sobre todas as dificuldades e controvérsias dos recentes anos, com o mesmo nível de comprometimento, energia e criatividade. E eu gostaria de dizer que estou muito agradecido pelo trabalho que tem sido feito. Parece-me que esse trabalho é realizado em conjunto, na medida em

que nós assumimos que somos uma “igreja em aprendizagem”, que considera a Teologia com seriedade, e nesse sentido, penso que nós temos a base preparada para um longo tempo, não somente para os próximos dois ou três anos, mas para um longo período de crescimento e maturidade anglicanas.

Eu quero compartilhar com vocês algo que considero extremamente positivo. Uma segunda coisa que gradualmente tem se configurado aqui e que estamos começando, como uma Comunhão, é partilhar com mais profundidade, e penso que com mais cuidado, sobre como responder internacionalmente às Metas de Desenvolvimento para o Milênio e às questões de pobreza, doenças e crises ambientais. De fato, eu estou contente de ver o Arcebispo Bernard (Ntahatori) aqui em minha frente, porque no último verão, minha esposa e eu tivemos uma memorável visita ao Burundi, pela qual somos muito gratos. E o senhor deve lembrar, Arcebispo, que no final dessa visita, nós convocamos um pequeno grupo, em Nairóbi, para falar sobre como as igrejas no leste da África começaram a coordenar seu trabalho para o desenvolvimento imediato, em suas bases, das metas em educação e preparo do povo para a sua tarefa na sociedade civil.

A Igreja, em geral, me atrevo a dizer, tem um único papel em sua tarefa: educar e dar às pessoas ferramentas para a sociedade civil. Mas os recursos da Igreja precisam ser mobilizados. Em muitas partes da África, é a nossa Igreja que, por várias razões históricas, possui a chave para lidar com isso. E sinto que o entusiasmo, habilidade e compromisso, que foram vistos naquele encontro, e que foi evidenciados por diversas pessoas que se reuniram no Burundi, é uma outra daquelas coisas que compõem a base para uma nova visão, por um longo tempo, no Anglicanismo. Nós temos, com a Graça de Deus, grandes coisas para partilhar, nós temos dons e tradições que são importantes, internacionalmente. No final da próxima semana, devo ir para o Sudão, para ficar lá durante uma semana, e sei que questões similares vão estar nas mentes de muitas das pessoas daquela região.

Assim, eu penso que esses são dois exemplos do que eu acredito serem boas notícias, porque, nesses momentos, precisamos recordar a nós mesmos a razão pela qual a Comunhão Anglicana está trabalhando. Dias atrás, num encontro, uma pergunta foi feita a mim: Por que nós devemos nos importar com a Comunhão Anglicana? Eu penso que o motivo atrás desta questão foi que nós estamos tão confusos, às vezes, sobre nossas estruturas institucionais, que queremos estar mais divididos, ainda, nas questões como sexualidade. Não somos uma estrutura certinha e organizada, do mesmo modo que nós, às vezes, queremos acreditar que outras Igrejas são. (Eu escolhi minhas palavras com muito cuidado, para falar sobre esse assunto).

Mas por que devemos nos preocupar? Eu ficaria muito triste em ver o Anglicanismo se tornando, tanto uma igreja da elite liberal do ocidente, como uma igreja da sociedade anti-intelectual e pós-missionária. Estou sendo bem enfático aqui, e acho que os extremos que nós enfrentamos na Comunhão são perigosos. Aqueles que se vêem como membros da elite liberal ocidental argumentam que nós temos uma programação que é claramente ditada pela nossa sociedade, e que nós devemos segui-la. É essa, eles dizem, a nossa maneira de sermos honestos diante de Deus. Aqueles que estão no lado conservador do nosso debate dizem que nós não podemos deixar a sociedade ditar a nossa missão, nós devemos deixar que a Bíblia dite a agenda. E essa visão é bem compreensível. O perigo, assim como penso, é que um lado move-se em direção a um fundamentalismo que é incapaz de encontrar as mais profundas necessidades dos seres humanos, enquanto que, do outro lado, o perigo é de nossa Igreja simplesmente se tornar uma versão religiosa do bem-estar da sociedade ocidental. Como nós podemos, juntos, redescobrirmos uma consciência de que nós todos estamos sob o julgamento de Deus, de que nós todos somos chamados à santidade, que nós todos somos chamados ao sacrifício? Esse é o desafio para cada um dos membros da Comunhão Anglicana.

E é por isso que eu não posso aceitar que as nossas dificuldades atuais são uma questão na qual um lado

deve vencer e o outro deve perder. Eu não quero trabalhar assim, porque a elite liberal do ocidente, sozinha, nunca saberá o que é experimentado pelo povo, nas igrejas novas. Por outro lado, as igrejas novas, sozinhas, nunca saberão as riquezas intelectuais e espirituais que uma antiga e, algumas vezes, uma tradição mais complexa, tem a oferecer. Nós necessitamos uns dos outros. Nós necessitamos uns dos outros desesperadamente. Essa é a minha mais profunda convicção sobre a Comunhão Anglicana. Quando nós dizemos “nós precisamos uns dos outros”, eu não estou falando, creiam-me, de dinheiro. Eu estou falando sobre maturidade espiritual. O inimigo da maturidade espiritual é quando se crê que o espírito diz o que nós podemos fazer, sem precisar do outro. E isso não é uma idéia do Arcebispo de Cantuária, é uma idéia de São Paulo, caso vocês não tenham percebido. E, por conseguinte, é uma idéia muito melhor do que qualquer idéia do Arcebispo de Cantuária.

Quando o assunto é posto dessa maneira, a resposta para a pergunta “Por que me importar”? é que isso exige um grande compromisso, quando, por exemplo, eu posso visitar o Burundi, ou o Sudão, ou o Paquistão, como o fiz antes do Natal: eu e aqueles que estavam comigo pudemos aprender através de um difícil testemunho do árduo trabalho sacrificial que é feito lá. E nós pudemos considerar algumas coisas sob uma perspectiva mais ampla, e, também, a utilizar essa perspectiva mais ampla para ajudar os processos e elementos de mudança naquele contexto. Nós precisamos uns dos outros. E é isso pelo qual estamos trabalhando.

Mas a esperança que de fato vocês estão aqui juntos, como anglicanos, representando, como eu posso ver ao olhar esta sala, alguma coisa que não é, de maneira alguma, uma visão monocromática e homogênea do Anglicanismo, mas o simples fato de nós estarmos aqui, pode indicar que vocês se importam com estas questões, também. Eu espero que sim. Eu realmente oro por isso.

Para concluir rapidamente: Por que a situação é difícil? E aponto para duas coisas. Uma, são as complicadas relações de poder em nosso mundo. Existe uma percepção de que as elites ocidentais controlam, manipulam, determinam tudo. Não somente na Igreja, mas em geral. Nós estamos numa era pós-colonialista, onde, naturalmente, existe a suspeita de que as programações são feitas por agentes de fora, em algum lugar. As novas igrejas querem afirmar sua integridade, sua maturidade espiritual e intelectual. E isto, certamente, complica o relacionamento. Quando eu falo como um branco ocidental- pelo menos não sou inglês, assim algumas coisas não são tão ruins como poderiam ser- não são somente as palavras que eu falo que são ouvidas. Eu não digo somente as palavras. O discurso implícito é o do Império Britânico, e isto é o que também é ouvido. Quando alguém dos Estados Unidos da América fala, não são somente as palavras que são ditas, mas o discurso implícito da política global norte-americana do momento atual. O que é um fator complicador. E eu não digo que isso é bom ou ruim, ou onde está a solução. Eu somente digo que nós temos que reconhecer esta realidade.

O segundo é mais um ponto teológico. Em uma boa igreja, numa igreja ativa, nós estamos aptos a reconhecer uns nos outros os mesmos tipos de preocupações. Há alguns anos, quando falei na última Conferência de Lambeth, sugeri que o que nós precisávamos, acima de tudo, era ver uns nos outros os mesmos padrões de obediência. Embora diferentemente, nós estamos fazendo isto, nós todos estamos tentando ser obedientes a Cristo como revelado nas Escrituras. E pela maneira pela qual falamos e argumentamos e temos decidido, podemos mostrar que estamos tentando ser obedientes. Atualmente, eu penso – novamente olhando os dois extremos em que nós vivemos – que algumas pessoas das igrejas novas no Sul podem dizer que elas não conseguem reconhecer os padrões de obediência das igrejas do Atlântico Norte, do mundo de fala inglesa. Parece, para elas, que a agenda não é ditada pela obediência, mas pela sociedade. Elas não podem reconhecer o padrão de obediência a Cristo.

Da mesma maneira, alguns do mundo do Atlântico Norte diriam que eles não podem reconhecer o estrito apelo para a Bíblia, que eles ouvem em algumas das novas igrejas, como algo que é Anglicano. Eles aceitam a autoridade da Escritura, mas anglicanos nunca tiveram uma igreja que tivesse respeitado as Escrituras de maneira idolátrica. Assim, eles também não podem reconhecer o padrão de obediência a Cristo.

Agora, essas duas visões estão por aí, e nós desesperadamente necessitamos de maneiras de lidar com elas; perguntar se elas são exatas, com percepções corretas ou não. Precisamos, portanto, seguirmos em frente, nos reunindo e escutando. Nós precisamos de todas essas coisas que, eu espero, são frutos das relações de informação da Comunhão, onde pessoas ouvem e constataam, não em grandes assembléias políticas, mas nas relações fraternas entre paróquias, dioceses e projetos, aqui e ali.

Quando eu disse, no ano passado, que a União das Mães (Mother's Union) é o quinto instrumento de unidade da Comunhão Anglicana, eu não estava brincando. Eu acho que ele é o mais poderoso movimento de leigos no mundo anglicano. Ele é o que faz mais pela educação e desenvolvimento, do que qualquer outra agência na Comunhão Anglicana; e mais do que qualquer outra agência, constrói companheirismos em níveis básicos entre pessoas comuns, que trabalham por mudança. E se isso não for um instrumento de unidade, eu não sei o que seria. Mas ele não é o único.

Em contextos como esse é que começam, com um pouco mais de possibilidades, a se pensar em um futuro do Anglicanismo, que não é completamente polarizado; que não é completamente dividido culturalmente, ideologicamente, teologicamente. Esse pode ser um futuro onde nós podemos partilhar, uns com os outros, padrões de obediência a Cristo sem expectativas deles serem sempre os mesmos em qualquer lugar, mas pelo menos tentando ser reconhecidos uns pelos outros. Para chegar a esse ponto, nós temos um árduo trabalho a ser feito. Todos devem retornar para algo que parece ser óbvio ou bom para manter vivo o diálogo. Há dificuldades, e eu não acredito que nós possamos negar como é difícil. Mas eu estou aqui para dizer que acredito que vale a pena. Eu espero e oro que a cooperação de, e a oração de cada um que está aqui, irá contribuir para essa realidade. Quem sabe o que Deus reserva à Comunhão Anglicana? Eu não sei. Quando eu tento ver o futuro da Comunhão Anglicana daqui a 18 meses, não tenho idéia do que pode acontecer. Mas se Deus tem um propósito para nós na Comunhão, então nós podemos relaxar. Isso não significa que nós podemos parar e não fazer nada. O que eu quero dizer, no entanto, é que nós podemos parar, pelo menos, de ser tão desesperados e extremamente ansiosos. Frequentemente, o nosso mundo anglicano tem despertado na mídia um senso de amargura e ansiedade. Bem, isso é a última coisa que queremos compartilhar com o mundo. Nós precisamos ser honestos. Nós precisamos trabalhar. Nós precisamos reconhecer que não existem respostas imediatas. Nós precisamos fazer tudo, por que acreditamos sermos chamados por Deus, em sua Comunhão, a qual representamos, porque acreditamos que Deus tem algo a nos dizer e conosco, no contexto da Igreja Mundial, e o motivo pelo qual estamos nesta Assembléia, que é porque acreditamos que Deus é leal ao seu chamado e a sua promessa.

Isso é suficiente para mim. Obrigado por essa oportunidade de encontrá-los e poder falar com vocês. Obrigado por estarem aqui e serem vocês mesmos. Por favor, orem por mim e por todos aqueles que estão tentando manter a Comunhão viva, e eu sei que posso confiar no seu trabalho e no seu testemunho para fazer o mesmo.

+ Dr. Rowan Williams, Arcebispo de Cantuária